



GUERRA À GUERRA

SUPLEMENTO Nº 1

DEZEMBRO - 1972

EDITORIAL

Publicamos agora pela primeira vez o "Guerra à Guerra" em português, sob a forma de suplemento.

Com o aumento do número de refugiados na Suécia já se justifica esta publicação que divulgaremos também junto dos portugueses refugiados noutros países.

Além deste suplemento pensamos publicar um outro em sueco e um Boletim em inglês que terá por base o chamado Boletim Geral, isto é, aquele que será feito com artigos dos CDP em Paris, Grenoble, Dinamarca e Holanda.

O primeiro número deste Boletim em inglês está previsto para fins de Dezembro.

O trabalho da Comissão do Boletim dirigiu-se, e deverá dirigir-se, com especial atenção ao Boletim Geral que será destinado a uma uma muito maior divulgação.

Creemos que uma das funções principais que o CDP (Malmö/Lund) poderá preencher é a de ter uma actividade de propaganda o mais permanente possível. Essa propaganda será contra o regime fascista que defende o capitalismo em Portugal, o mesmo regime que em África, tenta destruir a luta pela independência que, com cada vez mais sucesso, os povos africanos vêm levando a cabo há já mais de dez anos.

Será a propaganda da luta revolucionária em Portugal, principalmente das lutas dos trabalhadores.

Será ainda nosso objectivo a denúncia do regime capitalista sueco e do seu falso jogo. Os interesses dos capitalistas suecos são cada vez maiores em Portugal. O seu apoio ao criminoso regime de Castano é um facto muito concreto.

O auxílio "humanitário" prestado aos movimentos de libertação é bem compensado pelos lucros que os capitalistas suecos (junto com os portugueses) arrancam do suor dos trabalhadores.

Não nos devemos iludir de modo nenhum com este tipo de auxílios e devemos ter sempre bem presentes quais as características da sociedade sueca actual: um capitalismo em crise, procurando sair dela a todo o custo, isto é, à custa dum ainda maior exploração dos trabalhadores. Os reflexos desta crise já se fazem sentir abertamente e atingirão tanto os trabalhadores suecos como todos os estrangeiros, refugiados ou imigrados.

Além do aumento da exploração podemos constatar o endurecimento da lei. Assim, há pouco, surgiu uma proposta de lei que permite o combate ao "terrorismo" dum modo tal que dá plena liberdade à policia secreta para, por exemplo, nos fazer expulsar da Suécia, nos revistar nas nossas casas, escutar-nos ao telefone, ler as nossas cartas, etc. As diferenças entre estas leis e aquelas a que nós estamos habituados lá em baixo não são nenhuma no fim de contas. Além disto há ainda o agravamento das condições dos refugiados. O auxilio é cada vez mais reduzido, as bolsas de estudo cada vez mais restritas, etc.

A nossa exigência de asilo politico é, pois, por isso cada vez mais necessária. A insegurança do asilo "humanitário" é agora mais evidente.

Os Incidentes no Malmö-Benfica

A realização do "espectáculo desportivo" entre o Benfica e o Malmö, em 11 de Setembro, levou o CDP a agir de acordo com um dos seus pontos base, manifestando-se contra a politica fascista do governo português.

Porquê espectáculo desportivo e não desporto? Qual a função dos clubes desportivos em Portugal? São eles os responsáveis por uma iniciação desportiva a que tem direito todo o povo português? A resposta é mais do que evidente para ser escrita. Como podia um "clube-empresa" subsidiado pelo governo, servindo para a elevação do prestígio pessoal de meia dúzia de directores destinado a servir de escape para o povo (pois há que mantê-lo ocupado em algo), visto que nos seus problemas não necessita de de pensar, tem a "felicidade" de ter quem pense neles.

Retomemos novamente a análise dos incidentes no encontro Malmö-Benfica prometendo desde já, voltar a falar no problema do desporto em Portugal. Resolveu o Comité distribuir uma folha informativa e fazer um cartaz (MORTE AO COLONIALISMO PORTUGUÊS), ambos em português e sueco. A folha informativa foi distribuída sem incidentes, mas quando no intervalo foi levantado o cartaz, um grupo de mulheres (emigrantes portuguesas residentes na Dinamarca, ao que soubemos depois) começou a gritar, Portugal, Portugal, misturando uma série de insultos a nós dirigidos e incitando os emigrantes a atacar-nos, o que aconteceu por parte de uma minoria exaltada que conseguiu rasgar o cartaz. É um facto também que, apesar de ser uma minoria que reagiu, nos cumpre tirar conclusões do que aconteceu e ao mesmo tempo informar para que os mesmos erros não se verifiquem no futuro.

Os emigrantes portugueses na Suécia, depois de terem vivido toda a sua vida sob o regime de ditadura fascista, onde não ganhavam para o tabaco, pois o dinheiro mal chegava para comerem, para as passagens casa-trabalho-casa, e não chegava de modo nenhum para darem educação aos filhos que sempre desejaram, foram obrigados, assim como tantos milhares de portugueses, a abandonarem o país, deixando para trás todos os amigos e familiares, lançando-se nesta Europa desconhecida à procura de uma vida melhor, aquela que a quase todos é negada na nossa TERRA NATAL.

E disto tudo, quem somos nós? Aqui na Suécia, uma maioria ex-estudantes e alguns operários, facto que no entanto não se verifica em França onde a maioria é operária. Também nós fomos obrigados a deixar Portugal. As razões podem não parecer as mesmas, mas no fundo também para nós era impossível a vida num país onde existe uma guerra colonial assassina contra os povos africanos que lutam pela justa independência dos seus países, como nós lutamos e continuaremos a lutar pelo nosso. Portanto, algo nos liga: o facto de que o governo de Salazar e agora o de Marcelo Caetano nos obrigaram a deixar o país. O que então seria lógico pensar? Que todos nós estaríamos interessados em lutar contra o fascismo e instaurar o poder popular em Portugal. Mas afinal com quem deparámos? Com alguns espalhando o ódio contra os desertores, fazendo o jogo do fascismo e da polícia, instalando o medo e a desconfiança. Ainda outros que, no clima de exaltação que reina, os seguem esquecendo tudo o que passaram e principalmente os seus camaradas que estão em Portugal e continuam a viver sob um dos mais violentos regimes de tortura e opressão.

Não nos deixemos enganar, pois a luta é só uma, e nela devemos estar todos unidos para conseguir um país verdadeiramente livre.

CAMARADA! NÃO TRAIAS A LUTA DO OPERARIADO PORTUGUÊS!
 EMBORA NA SUÉCIA, HOLANDA, FRANÇA, ALEMANHA, BÉLGICA, etc.,
 NÃO CONTINUAR A LUTAR LADO A LADO COM ELE, PORQUE
 D E L E F A Z E S P A R T E .

MORTE AO COLONIALISMO

Sobre um Comunicado da **pide-DGS**

Quando do comunicado da Pide/DGS ácerca dos "acontecimentos" no meio estudantil, para além do acostumado estilo literário, e das conclusões finais, como da moral de uma história se tratasse, algo de novo surge lá pelo meio do comunicado: "o Secretário mandou então chamar os representantes dos estudantes..." "...Os agentes ouviram então insultos e ameaças ao mesmo tempo que um grupo passou imediatamente á agressão, tentando dominá-los, envolvendo-os, manietando-os e agredindo-os a pontapé, a soco e com objectos contundentes..." "... Comunistas e Maoístas responsabilizam-se mutuamente por estas acções, mas mostram-se unidos no ataque á autoridade e ás instituições."

Primeiro a Pide/DGS reconhece públicamente, que os elementos eleitos democráticamente pelos estudantes, são os seus representantes. Depois declaram-se atados e espancados, talvez com a intenção de mostrar ao povo português a sua "inocência" e as suas "boas intenções". Mas o povo português sabe muito bem o que são esses "senhores" da Pide/DGS e concerteza que, enquanto por um lado lastimará a morte do jovem assassinado, por outro só terá agradecido áqueles que corajosamente enfrentaram os agentes da infame Pide/DGS, que tanto terror tem espalhado no povo português ao longo dos seus 40 anos de existência, como o provam a quantidade de trabalhadores assassinados, espancados e os que ainda jazem nas masmorras.

E mais á frente chama de "comunistas" e de "Maoístas" os grupos os grupos intervinientes nesta acção, dizendo ainda que estavam unidos. Ora, primeiro tentam impressionar as pessoas com nomes que ainda muitos têm medo. Sem entrarmos em grandes considerações sobre o significado de tais expressões, poderemos é dizer que, áqueles a quem os pides chamam de "Comunistas" e "Maoístas", são os indivíduos que defendem os interesses dos trabalhadores na luta contra o governo fascista que oprime o povo a quem rouba há tantos anos, e isto até o prova a pide ao dizer que estão unidos no ataque á "autoridade" e ás "instituições".

Mas que autoridade e que instituições? Servem elas o interesse do povo português? Cada um pode reflectir sobre isso, mas no entanto parece-nos que hoje o povo português já se vai apercebendo de tudo quanto acontece ao seu redor.

É isto porque as condições de vida se agravam para a maioria, porque quase todas as famílias têm indivíduos mortos ou utilizados na guerra colonial e também quase todas elas têm milhares e amigos refugiados no estrangeiro. Quando o Castano vai à televisão fazer o seu choradinho, é cada vez maior o número de pessoas que não acredita nas suas balelas, já que não correspondem à realidade do dia a dia do povo.

Mas agora é já altura de ver o que se está a passar nas Escolas. O governo tenta fazer crer que os estudantes são uma minoria de desordeiros a soldo de grupos subsersivos e de potências estrangeiras. E o povo acreditava e nalguns sítios ainda acredita, pois os seus filhos não estão na universidade. Existia um fosso profundo entre os filhos dos ricos e dos chefes que iam estudar para a universidade e esse povo que em grande percentagem tinha que mandar os seus filhos trabalhar, quando ainda tinham 10-12 anos de idade.

Mas de há um tempo para cá as coisas têm-se modificado. Embora os estudantes estejam na universidade, para mais tarde se virem como dirigentes, os burgueses endinheirados que têm tudo na mão, estão agora recusando cada vez em maior número essa posição. Além de reclamarem dentro da escola um ensino científico para uma aprendizagem crítica da realidade que os rodeia, também se recusam a servir os grandes senhores. Não é por acaso que eles já deixaram as paredes das faculdades porque de lá o povo não os ouve. E assim têm tentado, cada vez mais passar para a rua, pois só assim o povo os pode considerar integrados na sua luta. E por isso mesmo a pide tem ultimamente carregado sem dó nem piedade. Foi em Maio a brutal entrada no Técnico e em Económicas e agora o assassinio do jovem Ribeiro Santos em Económicas.

Já o ano passado eles ~~conseguram~~ ^{Carregaram}, depois dos estudantes na Faculdade de Ciências de Lisboa tentarem distribuir informação à população.

Assim, só agora o povo verificou a brutalidade da pide para com os estudantes e a atitude destes para com as massas trabalhadoras, pois só agora os estudantes tiveram uma atitude mais correcta. Eles que puderam aprender têm a obrigação de transmitir às pessoas aquilo que o governo fascista nunca fará. É a única maneira é ir para a rua. Os jornais, a TV, a rádio, as escolas estão nas mãos do governo. Os sindicatos ou não servem os interesses dos trabalhadores ou são encerrados. Associações sofrem o mesmo destino, como é de ver pela atitude do governo para com as cooperativas e diversos clubes onde as secções culturais têm sido encerradas ou os elementos mais progressistas delas corridos pelos bufos e comerciantes locais, que lá dominam.

O governo destruiu pois, nesta era fascista, toda a forma de associação e comunicação entre as pessoas.

O povo português hoje só está autorizado a trabalhar, a ver TV, a fazer a guerra colonial e a emigrar.

Mas voltemos aos estudantes. Aqueles que lutam nas Universidades, indo para a cadeia frequentemente ou levando porrada na polícia, aqueles que, fugindo a persigações ou se recusam à participação na criminoso guerra colonial deixando a sua terra e os seus amigos, e se deixassem estar quietinhos, se fizessem o que o governo quer, terminariam os seus cursos e depois obteriam os respectivos tachos e uma vida folgada os esperaria. Mas não, eles recusam tudo isto porque querem contribuir para a construção de uma sociedade justa.

E eles hoje ainda não são a maioria mas são um número apreciável. Nas maiores escolas, no Técnico e em Económicas, chegam-se a juntar 1000 estudantes na Assembleias Gerais para tomarem as suas decisões. Mas a grande maioria não aparece, e embora não tenham o querer deste milhar também já não têm coragem de apoiar o governo fascista. Dia a dia passam elementos da "maioria silenciosa" para o grupo daqueles que tentam servir o povo português. Aliás, se essa "maioria silenciosa" defendesse os pides e o governo, bastaria comparecer nas Assembleias Gerais e lá ganhava a maioria.

Mas não, embora eles não colaborem directamente na luta contra a repressão, eles não são decididamente contra essa luta.

As classes trabalhadoras estão com certeza dispostas a aliar-se com todas as forças que se mostrem preparadas para combater o capitalismo e aceitar a direcção do partido do proletariado. Uma destas forças será constituída pelos estudantes revolucionários e progressistas.

As classes trabalhadoras estão com certeza também interessadas em que os estudantes emendem os seus erros, que se organizem em bases clandestinas com os trabalhadores e que intensifiquem a sua acção contra os pides e toda a canalha que suga os trabalhadores portugueses, atira Portugal para o último lugar do desenvolvimento económico e rebaixa o povo português perante os outros povos.

Não, o povo português não deve permitir que esses tiranos conduzam o seu destino.

**VIVA A LUTA DOS
TRABALHADORES!**

—Os preparativos para as eleições começaram em 3 de Dezembro de 1971. Durante 8 longos meses os comissários do Partido fizeram um trabalho profundo de esclarecimento. As eleições realizaram-se nos últimos dois meses. Foram eleitos conselhos regionais por sufrágio directo de 52.400 eleitores (dos 58.000 inscritos). As eleições terminarão no fim deste ano. Nessa altura os 15 conselhos gerais da Guiné escolherão 80 delegados que juntamente com os 40 quadros do PAIGC (entre os quais figuram 3 delegados da União dos Estudantes—já eleitos—e 5 representantes da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné) constituirão a Assembleia Nacional Popular da Guiné.

—Os territórios ocupados pelos portugueses também estarão representados, mas por razões fáceis de compreender, estes delegados serão designados a "título provisório"... aguardando a confirmação, uma vez o território libertado.

—Em Cabo Verde será criado um órgão análogo, oportunamente. A reunião das duas Assembleias formará então a "Assembleia Superior da Guiné e Cabo Verde".

—Entretanto não se julgue que se vive com toda a calma em Cabo Verde. Numerosas prisões de militantes nossos provam, se é que é necessário, que nós somos activos e estamos presentes em Cabo Verde. De 21 a 26 de Setembro o governo colonial declarou o estado de sítio em Praia, capital da província.

—Um grande número de Chefes de Estados Africanos assegurou-nos já o seu apoio. Mas o novo Estado da Guiné será também reconhecido por um bom número de países progressistas não africanos.

—Sociedade que solicitaremos a nossa admissão na ONU. Por quê não?

Estamos na realidade perante uma decisão histórica cuja contribuição para a derrota total do colonialismo português bem depressa será evidente. Esta é uma decisão que não é mais do que o resultado lógico de 9 longos anos de luta contra o ocupante português.

Só a força do PAIGC, só a coragem e o apego à luta^{dos} que se juntaram ao PAIGC permitem que tal decisão seja tomada e que imediatamente a Guiné possa contar com o apoio de grande número de países. A libertação da maior parte do território da Guiné é um facto que já ninguém é capaz de negar.

A Guiné será em breve um estado independente. Cabe-nos a nós desertores portugueses, expressar aqui mais uma vez a nossa solidariedade com o povo da Guiné e a nossa admiração pela corajosa luta que travaram e continuarão a travar contra o ocupante colonialista. Saudamos com entusiasmo o nascimento do Novo Estado da Guiné-Cabo Verde e fazemos votos para que os colonialistas portugueses dentro em breve sejam expulsos das poucas cidades onde ainda continuam a exercer o seu domínio.

A GUINÉ VAI DECLARAR A INDEPENDÊNCIA

—Em entrevista concedida à revista "África Asia" Amílcar Cabral informa que tudo está preparado para que a Guiné-Bissau declare a sua independência.

Traduzimos aqui parte das declarações do Secretário do PAIGC:

—Foi em Agosto de 1971 que o Conselho Superior de Luta, reunido em território libertado, adoptou uma decisão histórica para o futuro do nosso país. Através de 9 anos de luta o povo da Guiné-Cabo Verde adquiriu o direito à independência.

—A nossa situação é comparável à de um Estado independente que tem parte do seu território ocupado por forças estrangeiras. Não se trata de um governo provisório pois nós já alguns anos governamos dentro da própria Guiné.

7←

COMITÉS DE DESERTORES NA EUROPA:

FRANÇA

PARIS: Pierre Sorlin
13, R. Pierre Nicole
75005-Paris

GRENOBLE: François Bell
40, Gal. de l'Arlequin
APT 1602-Ville Neuve
38-Grenoble

DINAMARCA:

Erik Petersen
Set. Poulsgade, 37
8000-Århus-C

HOLANDA:

CRP
Jacob v. Lennepkade, 13
Amsterdam Out-West Tel. 020/143850

SUÉCIA:

CDP (Malmö/Lund)
Fack 5029
Lund-5 Tel. 046/130246

CDP (Stockholm)
Box 42110
12612-Stockholm-42 Tel. 08/7440828

CDP - Suécia: Malmö/Lund

26720